

09-11-2023

Trabalhador em Plataforma Digital, Escravidão Moderna

Luizinho Oliveira

[Metalúrgico. Ativista Sindical]

O capital transnacional inaugura um novo modelo de precarização das condições da mão de obra: é o trabalhador uberizado via Plataforma Digital. Não há mais empresas como conhecíamos até agora, não há endereço, nem CNPJ, agora é o tempo do trabalho em plataformas digitais.

A gestão é realizada por algoritmos, por inteligência artificial, internet, celulares, big data e impressão 3D etc.

Ou seja, não há o contato humano nas relações trabalhistas, então, a quem reclamar? O trabalho Uberizado é um novo Frankenstein social. Uma das faces mais perversas do trabalho em plataformas digitais é o uso da mão de obra predominantemente masculina, jovem, e periférica, aumentando ainda mais o fosso da desigualdade social e racial em nosso país. A exploração escancarada e desumana se dá sob o maldito disfarce do empreendedorismo: uma praga incutida na cabeça dos trabalhadores(as) pelos patrões e seus eternos parceiros: as mídias.

Que empreendedor é esse que pra ganhar o seu sustento e de sua família tem que comprar uma bicicleta, um carro, uma moto e colocá-los à disposição de um tal aplicativo, rodar pela cidade feito louco para no fim do dia ou da noite ganhar algum tostão? No rastro dessa máquina de moer gente, com sua intenção nada oculta vem: jornadas de trabalho extenuantes sem repouso, baixas remunerações, adoecimentos físico e mental, não respeito aos direitos trabalhistas e práticas antissindicalistas. Um conglomerado de empresas submete seres humanos a vexatórias condições de trabalho que deixariam os trabalhadores do século XIX envergonhados. No Brasil, a deforma trabalhista do tenebroso presidente Michel Temer foi a porta de entrada que possibilitou aos patrões a criação desta terrível modalidade de trabalho que é a escravidão digital.

Este é o empreendedor que entra com a força de trabalho e, agora, como se não bastasse também, com as ferramentas da atividade econômica. Mas o lucro vai mesmo é para as contas

da tal plataforma digital. Os trabalhadores são bombardeados pelos meios de comunicação com as falsas promessas das facilidades de ser empreendedor, mas quando caem na real descobrem que a plataforma digital serviu para impulsioná-los ao abismo. Não só a massa operária vítima do desemprego é explorada por essas Plataformas Digitais, elas também recrutam outros profissionais: arquitetos, médicos, advogados, professores, dentistas, jornalistas etc. – o exército de desempregados. Hoje no mundo somente o aplicativo Uber tem seis milhões de seres humanos motoristas explorados mundo afora, dos quais um milhão está no Brasil. Temos ainda mais de quatrocentos mil entregadores de outros aplicativos (*Food, Rappi* etc.) que, montados em suas bicicletas e motos, fazem malabarismo pelas ruas das cidades na busca da sobrevivência. Esses aplicativos são tão maquiavélicos que, com uma forte campanha de propaganda, mudam até a forma de falar das pessoas: não solicitam mais um carro e sim um “Uber” ou, não pedem mais uma alimentação e sim um “Ifood”. Não percebem que estão fazendo propaganda gratuita para eles alimentando a ideologização dessas transnacionais. Mas nem tudo está perdido. Nessa exploração carnal o próprio aplicativo e a reunião de vários trabalhadores via WhatsApp acabam por fazer com que eles se unam em canais de organização e solidariedade e de classe, possibilitando a mobilização para lutarem por melhoria das condições de trabalho. Já houve greves, mobilizações estão em curso, é o capitalismo criando no seu próprio meio o germe da sua destruição. A classe operária atravessa um novo período histórico. Após o trabalho escravo e o assalariado, emerge a fase da informalidade da uberização. Aos sindicalistas, mais do que saber, é necessário pensar criticamente neste grave problema ora analisado e enfrentá-lo na prática da atividade social, criando discursos e práticas que honrem a história do movimento sindical na construção dos direitos sociais. Determinemos que estes trabalhadores uberizados sejam inseridos no âmbito da legislação social protetora do trabalho ou estaremos assistindo passivamente à volta da escravidão numa forma digital.

“O que a gente vê é que a gente está se tornando escravo, sabe? É como se fosse um vício”.

Vanessa, Entregadora de Aplicativo

■ ■ ■

OBS. Os textos expressam a opinião de seus autores, não necessariamente coincidente com a dos coordenadores do Blog e dos participantes do Fórum Intersindical. A cada reunião ordinária, os textos da Coluna Opinião do mês são debatidos, suscitando divergências e provocando reflexões, na perspectiva de uma arena democrática, criativa e coletiva de encontros de ideias em prol da saúde dos trabalhadores.